

O descamisado ficou nu

ESTADO DE SÃO PAULO

SÉRGIO AMAD COSTA

Os resultados das recentes pesquisas do IBGE, do Dieese e da Fundação Seade nos levam a concluir que o descamisado que o presidente Fernando Collor tentou vestir agora não está só sem camisa, mas totalmente nu. O poder aquisitivo do trabalhador, entre fevereiro de 1990 e fevereiro de 1991, caiu vertiginosamente. Na Grande São Paulo, por exemplo, o salário médio baixou 30% nesse período e os ganhos mensais dos 25% mais pobres sofreram redução de 18,2%.

O desemprego também apresenta números alarmantes. Segundo o IBGE, a taxa de desemprego aberta, em março de 1990, era de 4,04% e em fevereiro deste ano subiu para 5,41%. Nas seis regiões pesquisadas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), em março de 1990, havia 690 mil pessoas fora do mercado, porém aptas a trabalhar. Já em fevereiro de 1991 esse número cresceu para aproximadamente 970 mil.

Quanto às relações formais de trabalho, o quadro também não é nada animador. Nas seis regiões pesquisadas, em março de 1990, o número de trabalhadores com carteira assinada era de 9,6 milhões. Já em fevereiro deste ano diminuiu para 9,2 milhões.

E, já que salário e emprego dependem diretamente do quadro produtivo do País, cumpre assinalar que a indústria acumulou uma queda no nível de atividade de 12% de fevereiro de 1990 a fevereiro de 1991. Só para se ter uma idéia dessa retração, a indústria de máquinas, até fevereiro deste ano, teve uma produção acumulada em 12 meses de 13,3% menos do que a dos 12 meses anteriores.

Pois bem, diante de todos esses números, percebe-se que a situação econômica do País se agravou nos últimos 12 meses. Mas o panorama revela-se ainda mais inquietante se compararmos os resultados dessas pesquisas recentes com os de pesquisas ante-



riores, como, por exemplo, de 1989.

Em outras palavras, o cenário econômico hoje está pior do que em 1990. Porém, as pesquisas demonstram que o do ano passado foi mais sombrio do que o de 1989. Conclusão: a crise econômica atual se intensificou em relação à de dois anos atrás. E, vale lembrar, 1989 encerrou a chamada "década perdida" no Brasil. Não precisamos recorrer a nenhum silogismo para inferir que a economia vai de mal a pior. Os números falam por si.

No caso do desemprego, por exemplo, a taxa de 1990, medida pelo IBGE, foi de 4,28% — tinha chegado a 3,35% em 1989. Quanto a São Paulo, a taxa de desemprego, na indústria de transformação, cresceu de 2,65% em dezembro de 1989 para 5,37% em dezembro de 1990. O total de desocupados nas seis regiões pesquisadas, em dezembro de 1989, era de 25,79%, passando para 27,70% nesse mesmo mês de 1990. E, só para lembrar, o Produto Interno Bruto, em 1990, diminuiu 4,6%.

Mas não são só esses números que assustam o observador atento. O espanto surge também pela ausência de perspectivas de saída para a crise econômica. Dizem por aí que uma das virtudes do brasileiro é a esperança. Mas parece que ela desta vez está sendo totalmente reprimida. O que só contribui para agravar o problema, pois a economia se move mediante o comportamento psicosocial da população.

Até há alguns meses, análises de conjuntura ainda vislumbravam a possibilidade de aquecimento do mercado por esse ou aquele fator. Porém, hoje, com todo o intervencionismo que a equipe econômica insiste em manter, não há indício, pelo menos no curto prazo, que nos leve a acreditar numa melhora da situação. No momento, o que mais nos causa angústia não é o desemprego, a ausência de lucro ou o salário desatualizado, e, sim, a impossibilidade de pelo menos ter alguma esperança. É isso que deixa nu não só um descamisado, mas toda uma nação.

□ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.